

Os números da lavoura

Principais indicadores setoriais

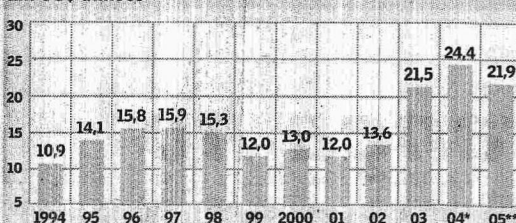
Lavoura em expansão

Produção de grãos (em milhões de toneladas)

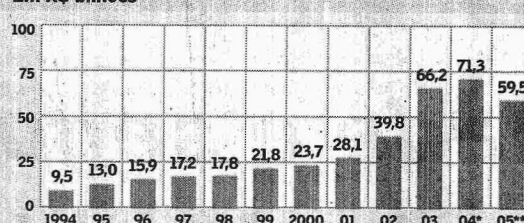
Produto	2001/02	2002/03	2003/04*	2004/05**	Variação 04/03	Variação 05/04
Algodão	2,16	2,23	3,62	3,85	62,0%	6,4%
Arroz	10,47	10,32	13,26	12,84	28,5%	-3,2%
Feijão	3,05	3,31	2,98	2,84	-10,0%	-4,7%
Milho	35,50	47,99	41,87	37,52	-12,7%	-10,4%
Soja	42,03	51,48	49,22	51,19	-4,4%	4,0%
Trigo	2,93	6,03	5,81	5,81	-3,6%	0,0%
Outros	1,55	2,77	3,28	3,21	18,7%	-2,2%
Total Grãos	97,69	124,13	120,05	117,25	-3,3%	-2,3%
Café	4,99	3,99	5,40	4,59	35,1%	-15,0%
Cana-de-açúcar	363,72	389,85	409,64	426,02	5,1%	4,0%
Fumo	0,66	0,66	0,93	0,97	41,5%	4,6%
Laranja	113,58	104,07	112,60	114,29	8,2%	1,5%

Recuo - Receita agrícola dos grãos

Em US\$ bilhões

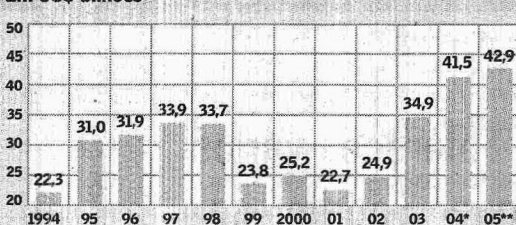


Em R\$ bilhões

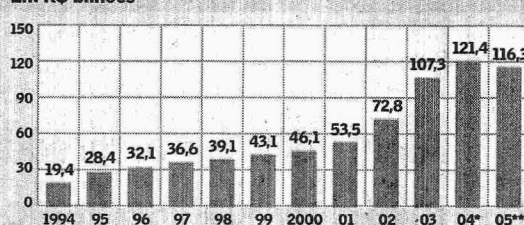


Avanço - Receita agrícola das lavouras

Em US\$ bilhões

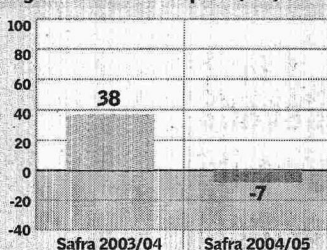


Em R\$ bilhões

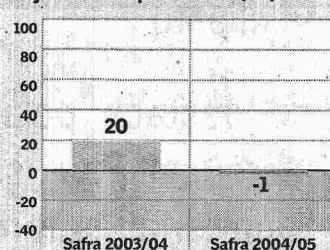


Menos dinheiro no bolso - Rentabilidade operacional nas principais lavouras (%)

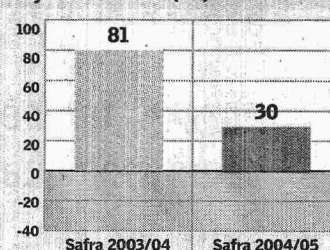
Algodão em Rondonópolis (MT)



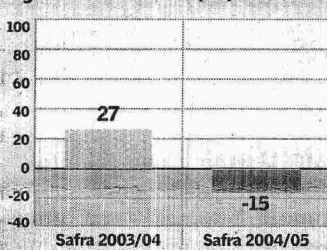
Feijão em Campo Mourão (PR)



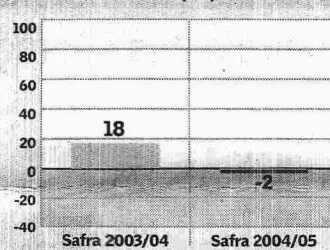
Soja em Londrina (PR)



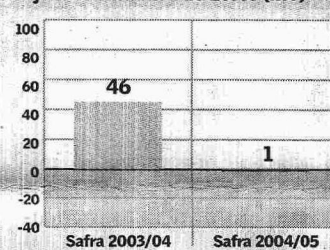
Algodão em Londrina (PR)



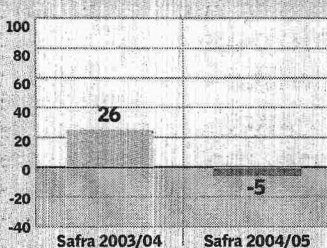
Milho em Londrina (PR)



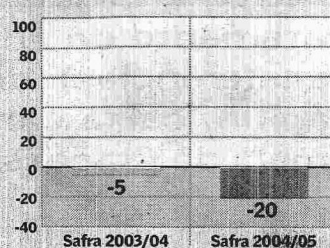
Soja em Primavera do Leste (MT)



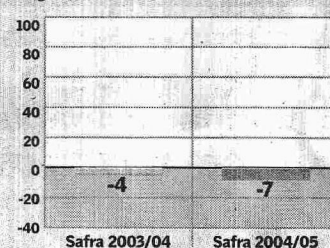
Arroz em Cachoeira do Sul (RS)



Milho em Rio Verde (GO)



Trigo em Londrina (PR)



Agronegócio Quebra na safra de grãos deve reduzir o saldo comercial do setor, mas governo aposta em alta

Exportações devem repetir o resultado obtido em 2004

Mauro Zanatta

De Rondonópolis (MT)

O cenário de contenção na maior parte das lavouras de grãos contrasta com as expectativas favoráveis para a balança do agronegócio. O setor, que tem sustentado a exuberância do comércio exterior e mantido a saúde das contas públicas, deve "segurar" o superávit em 2005, apontam os analistas. Mais otimista, o governo aposta que as exportações devem crescer entre 5% e 10%.

A MB Associados projeta vendas externas de US\$ 38,9 bilhões. O Ministério da Agricultura espera um resultado entre US\$ 41 bilhões e US\$ 43 bilhões. Em 2004, as exportações bateram em US\$ 39 bilhões.

Glauco Carvalho, da MB, diz que os complexos soja e carnes, seguidos de açúcar e álcool, continuarão a puxar a expansão. No primeiro trimestre, as vendas do agronegócio cresceram 12% sobre 2004, chegando a US\$ 8,8 bilhões. "É um ritmo bastante bom para essa época", avalia Eliezer Lopes, coordenador de comercialização da Secretaria de Relações Internacionais. O auge das vendas acontece no segundo e terceiro trimestres.

Carnes, açúcar e café devem recuperar as perdas de US\$ 1 bilhão em exportações de soja. É possível chegar a US\$ 9 bilhões no complexo soja, segundo o governo. A MB

Associados estima US\$ 8,3 bilhões e a MS Consult, US\$ 8,96 bilhões.

O complexo carnes elevou em 27% as exportações no primeiro trimestre, chegando a US\$ 1,6 bilhão. O ano deve fechar com crescimento de 20% sobre os US\$ 6,1 bilhões registrados em 2004, segundo o governo — ou US\$ 7,3 bilhões em 2005. O Departamento de Agricultura dos EUA informou em abril que o Brasil deve fechar o ano com 28% do mercado mundial.

As mais novas vedetes dos embarques brasileiros, o milho e o trigo, devem reduzir sua participação no comércio exterior por causa do aumento da demanda interna e do câmbio desfavorável. Em 2004, foram exportados US\$ 597 milhões em milho e US\$ 207 milhões em trigo. Neste ano, ambos devem contribuir com apenas US\$ 300 milhões em divisas.

Ao contrário das previsões feitas no fim de 2004, o saldo comercial, que fechou o ano em US\$ 34,1 bilhões, deve se manter no mesmo nível em 2005. Nos últimos 12 meses, somou US\$ 35,1 bilhões. Cresceu 14% no primeiro trimestre, para US\$ 7,5 bilhões. O tom é dado pela pouca expressão das importações. Em três meses, cresceram apenas 0,6% — trigo, algodão e arroz ajudaram a derubar as compras externas.

Apesar da boa perspectiva, analistas e governo concordam que há

entraves difíceis de superar para manter a performance do setor no front externo. O mais grave deles pode ser o surgimento de problemas sanitários e fitossanitários no sistema produtivo. No ano passado, a Rússia usou a descoberta de dois focos de febre aftosa, no Pará e no Amazonas, para embargar as compras de carne bovina de todo o Brasil. Mesmo que ambos Estados não fossem exportadores e estivessem fora do circuito livre da doença. "O jogo comercial é pesado e temos de estar atentos para todos os detalhes", diz o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues.

A logística é também um calcanhar-de-aquiles. Nunca foi tão caro transportar soja por Paranaguá (PR), principal porto brasileiro de grãos. Fernando Muro, consultor da AgRural, explica: "Os custos de frete e porto são em grande parte negociados em reais. Com a valorização da moeda, vai sobrar menos renda no bolso do produtor", diz. Assim, o desestímulo ao produtor pode comprometer o resultado da balança. Também é essencial atrair investimentos externos ao setor e aumentar a produtividade com a ajuda de transgênicos, por exemplo. "Nos Estados Unidos, o milho rende uma média de 10 toneladas por hectare. Aqui, são apenas 3 ou 4 toneladas", afirma Glauco Carvalho.